

A CASA COMO EXPERIÊNCIA-LIMITE: SENTIDOS FENOMENOLÓGICOS E HERMENÊUTICOS DO HABITAR

HOUSE AS BORDERLINE-EXPERIENCE: PHENOMENOLOGIC AND HERMENEUTIC SENSES OF DWELLING

Eduardo MARANDOLA JR.

Professor Associado da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
E-mail: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Gustavo Silvano BATISTA

Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI.
E-mail: gustavosilvano@ufpi.edu.br

Desde que Heidegger proferiu sua famosa conferência “Construir, Habitar, Pensar”, em 1951, o tema do habitar se converteu em temática-chave para compreender o contemporâneo. As famosas e, em alguns casos, enigmáticas passagens têm alimentado a reflexão em torno do sentido da existência em sua multiplicidade, espacialidade e até transcendência – a emblemática quadratura (HEIDEGGER, 2001).

Este não foi o primeiro episódio, no entanto, de uma tradição que associa o pensar ao habitar e estes com a casa, como lar. A referência à perspectiva cartesiana da tarefa da reconstrução da casa, notadamente no “Discurso do Método” (DESCARTES, 2009), produziu efeitos duradouros em autores tão distintos quanto Gaston Bachelard, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer e Emmanuel Lévinas, para citar alguns, os quais ressignificaram a casa como um momento do próprio pensamento, especialmente em relação ao Outro. Em um certo sentido, há, na perspectiva fenomenológica, uma profunda ligação entre casa e filosofia.

Estes autores mobilizaram a casa e o habitar de maneira situada, diante das questões de seu tempo. Bachelard (2003) refletia a casa como espaço da intimidade, da interioridade, em sua imaginação poética – a contraparte de sua epistemologia. O já citado Heidegger, pensou primeiro não a casa, mas o estar-fora-de-casa, como angústia, em “Ser e tempo” (HEIDEGGER, 2012), reaparecendo a questão pelo habitar no contexto de sua reflexão acerca da era da técnica (HEIDEGGER, 2001). Gadamer (2014) aprofunda o sentido da casa como linguagem, no contexto da experiência hermenêutica, como verdade diante da obra de arte. Já Lévinas (2016), entende a morada como radicalidade ética: na inapreensibilidade do Outro que nos desaloja, implicando a impossibilidade da casa como identidade ensimesmada.

Nota-se neste brevíário a articulação de questões referentes à identidade e à diferença, à multiplicidade de ser, à alteridade, à poética e à experiência da linguagem. Estes temas têm sido recorrentes em debates diversos, demarcando um comum-pertencer entre casa e habitar, em suas ambiguidades e tensionamentos.

Esta tradição marcou profundamente as reflexões do tema no último século. Articulando a questão do habitar com o pensar, o Ser e o Outro, o pensamento fenomenológico de casa contribuiu para fecundar diferentes campos e reflexões, como a Arquitetura e o Urbanismo, a Arte, a Geografia, a Literatura, as Ciências Sociais, dentre outras. Nestas sendas, as contribuições das ciências e das artes têm oferecido diferentes campos de fecundação para tais reflexões, passando por problemas diversos, como as relações de gênero e a violência (física e simbólica), os riscos e vulnerabilidades, a mobilidade, as relações sociais virtuais, os processos de construção das cidades, a produção de subjetividades mediadas pela tecnologia, dentre tantos outros. O temário atravessou as últimas décadas colidindo com contextos sociais diversos, tornando-se um campo especialmente problemático nas experiências-limite do habitar (pós)pandêmico, que tem nos desafiado a repensar os sentidos da casa, diante e para além da tradição fenomenológica.

De uma certa forma, o sentido de casa tal como concebido na Modernidade, refere-se, no Ocidente, à unidade privada familiar, na qual há a reprodução social pautada na propriedade (RYBCZYNSKI, 1986). Muitas das concepções de intimidade, espaço público e família estão pautadas nesta configuração, que transferem para a casa a ideia de lar. Parte dos desafios contemporâneos do habitar-limite estão justamente no esgarçamento das condições desta associação, à medida que pensar a habitabilidade (*homenes*) demanda a compreensão de diferentes fenômenos que tensionam os sentidos de proteção e de segurança com o risco e a insegurança. A casa, símbolo moderno da invulnerabilidade, é lugar também de abalos nos movimentos da existência (PATOČKA, 1998). De outro lado, se a própria ideia Moderna de lar associada à casa está comprometida com um sentido de propriedade, como pensar o habitar em condições de ausência deste tipo de vinculação com a edificação?

A pandemia da COVID-19 vivenciada no início dos anos 2020 redefiniu o enquadramento destas questões, borrando os limites até então relativamente claros entre a casa como lugar de proteção e a rua (o estar-fora-de-casa) como lugar do risco. Mais do que isso, impôs processos de estranhamento que mobilizaram redefinições de sentidos. Muitas das experiências-limite do habitar contemporâneo manifestaram-se neste contexto, o que nos provoca a discutir os sentidos da casa em diferentes situacionalidades.

Este contexto foi a motivação principal de proposição do dossiê “Sentidos fenomenológicos e hermenêuticos da casa: habitar experiências-limite”, pensado no âmbito do Projeto MobEx

(“Mobilidades contemporâneas: transformações na experiência de casa e de rua a partir da pandemia” – CNPq n. 407325/2021-2), sediado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com participação de pesquisadores de diferentes instituições do país, entre elas a Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Federal Fluminense (UFF), o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e o Instituto Federal Fluminense (IFF). O dossiê buscou reunir contribuições em torno da temática da casa e suas problemáticas filosóficas e práticas diante dos desafios do habitar contemporâneo, como experiências-limite, as quais nos desafiam a reconsiderar as topologias cotidianas da existência. Além das contribuições de membros do projeto, o dossiê reuniu submissões de outros pesquisadores que trouxeram uma gama de reflexões e contribuições interdisciplinares.

O dossiê se inicia com o artigo de Gustavo Silvano **Batista**, “A casa na origem da questão: ensaiando um percurso fenomenológico-hermenêutico”, que traça retoma o caminho da casa de Descartes a Husserl e suas repercussões em Heidegger, Gadamer e Lévinas, apontando como ela tem um papel de uma espécie de dispositivo que mobiliza a tradição fenomenológico-hermenêutica em direção ao retorno às questões fundamentais. O artigo busca situar a questão no horizonte da tarefa atual do pensamento, da epistemologia à ontologia, tanto quanto a ética implicada no âmbito da relação com o outro.

“O ser, a linguagem, o habitar”, de André Augusto **Maia** e Carlos Alexandre Barbosa dos **Santos**, mobiliza a reflexão heideggeriana da linguagem, como casa do ser, para pensar a questão a partir da relação com a verdade. O pensamento heideggeriano aponta para a dupla pertença ser-linguagem: habitamos a linguagem assim como a linguagem nos habita. A linguagem visa recolocar o ser humano a caminho de casa, como possibilidade do pensamento no limiar da filosofia.

O artigo de Tiago Rodrigues **Moreira**, Nelson Pacheco **Cortes Junior** e Eduardo **Marandola Jr.**, “Casa como lar: entre descanso e movimento”, traz a contribuição de dois geógrafos (Torsten Hägerstrand e David Seamon) para a discussão do habitar contemporâneo, buscando elementos para compreender fenomenologicamente as relações entre deslocamento e repouso. A compreensão da dinâmica do movimento em seu sentido existencial, permite compreender o habitar em sua tessitura ontológica, provocando a repensar o habitar contemporâneo e a casa entre lugaridade e mobilidade.

“Desfazendo a técnica: a casa-estojo e o habitar”, de Mayara **Sebinelli** e Nicolas Vieira da **Costa**, problematiza a casa a partir da arquitetura, debatendo a ideia de casa, de Walter Benjamin, como expressão da reprodutibilidade técnica, vis-à-vis com a ideia de produção do humano, de Judith Butler. O artigo parte de tal contexto para problematizar a multiplicidade do habitar (a partir de Heidegger), debatendo o documentário “As Mães do Derick”, de Cássio Kelm. O tensionamento pela diferença e

pela normatividade expressa nas formas de desenho das habitações provocam os autores à defesa de outras maneiras de pensar a casa, desde sua forma arquitetônica (que expressa normatividades sociais) até as possibilidades de ser-e-estar-no-mundo, como defesa do rastro e do inacabado.

Leonardo Marques **Kussler**, em “O habitar de Hermes pode acomodar formas de vida [in]cômodas no Antropoceno?”, reflete os limites e potencialidades da hermenêutica filosófica para pensar o modo como os seres humanos vivem o mundo, partindo de formas de vida projetadas em meio a outros entes (humanos ou não). A contribuição de Gadamer para pensar uma vida comunitária e sustentável mobiliza uma demanda ética voltada para a alteridade, voltando-nos para um habitar comprometido com as questões de nosso tempo. O habitar de Hermes traria, portanto, um imperativo ambiental.

A seguir, temos dois artigos que reverberam pensamentos e experiências indígenas. “Yby: sentido radical de casa”, de Jamille da Silva **Lima-Payayá**, se inspira nas colocações levinasianas quanto à morada para discutir a perspectiva indígena Payayá de casa como a própria Caatinga. A colonização é compreendida como interdição da morada, enquanto o sentido da casa estaria fundado na relação com a Yby (Terra). A identidade Payayá tem na Caatinga sua morada, e por isso a estratégia colonial recorreu ao desbaratamento em sua violenta atuação. Esta casa como morada se faz como demorar-se, o que não é rompido completamente com o desbaratamento. A geografcidade Payayá, aponta a autora, é um “para além”, como topologia de escuta da Caatinga, como ética.

Já “A casa deslocada: viagem, hospitalidade e partilha entre o povo Wauja, Alto Xingu”, de Fernanda Ribeiro **Amaro**, reflete, a partir de uma etnografia multissituada, as diferenças e similaridades do habitar e do viajar dos Wauja, do Alto Xingu, a partir de suas experiências de transumância. Nestes trajetos, entre moradias provisórias e deslocamentos, há um outro modo de habitar, que passa pela assimilação de novos hábitos, que leva à indagação principal do artigo a respeito da permeabilidade da casa aos lugares vividos nas viagens. A hospitalidade emerge como componente deste encontro entre etnografia, geografia e filosofia.

Na sequência, temos três artigos que se referem diretamente ao contexto da pandemia da COVID-19, reverberando suas implicações e consequências. Em “Caneta e pincel, mas para você a louça: a casa e o fazer artístico das mulheres”, Maira Kahl **Ferraz** e Taís Alves **Teixeira** mobilizam as artes visuais e a literatura para questionar a ideia de casa harmônica e segura, destacando as características interseccionais em especial no que se refere ao significado da casa para as mulheres em meio aos impedimentos ao trabalho artístico e à violência doméstica. O artigo discute a questão em sua espessura histórica, problematizando sua manifestação ou aprofundamento durante a pandemia.

“Entre a casa e a rua: tensionamentos da pandemia de COVID-19”, de Caroline Bulhões Nunes **Vaz**, reflete a experiência de casa e da rua tendo como referência a dialética intimidade-vastidão nas cidades, a partir de Bachelard. No contexto de uma pesquisa realizada em Salvador, os tensionamentos entre casa e rua durante a pandemia permitem à autora apontar a ruptura no dia a dia das pessoas, tornando o ordinário, a partir do isolamento social, absurdo. Os riscos e a imprevisibilidade resultaram em novas formas de viver a casa e rua, redefinindo seus sentidos de maneira intensiva.

Felipe Costa **Aguiar** e Antonio **Bernardes** problematizam as experiências da didiscência durante o Ensino remoto emergencial (2020-2021), em “Meu quarto virou uma sala! Gambarras e didiscência na pandemia de COVID-19”. Partindo de uma descrição fenomenológica, os autores destacam as precariedades oriundas do ensino praticado e as repercussões e transformações na casa, que se tornou ao um só tempo lar, trabalho e lazer.

Por fim, temos dois artigos para encerrar o dossiê. A contribuição de Caê Garcia **Carvalho**, “Tragédia e o aconchego: a casa como repouso do ser nos quadros de afecção dolorosa crônica”, traz a casa como experiência no contexto da dor crônica, como experiência-limite do habitar. A reflexão atravessa a limitação física que torna a casa, em um outro sentido, espaço privilegiado da existência. O autor destaca a tensão entre a casa-ninho (seu sentido de proteção) e a casa-prisão (seu sentido de opressão), desvelando sentidos topofílicos que tonificam a condição de lar nesta forma de habitar em face da dor.

O artigo “Casa e rua: devaneios da intimidade aberta”, de Ana Claudia Nunes **Alves**, propõe narrativas de devaneio (à maneira de Bachelard) a partir de pesquisa nas áreas de urbanização dispersa no município de Maricá, no Rio de Janeiro. O artigo pensa a paisagem da casa-rua-estrada-mercado como um modo de habitar associado à cidade-estrada, pautada no carro e na velocidade. O devaneio seria a exigência de percorrer a cidade com olhos curiosos de criança, para pensar a multiplicidade destes modos de habitar.

O conjunto dos artigos aponta caminhos e desafios para o habitar contemporâneo, alguns deles aprofundados pela experiência-limite da pandemia, outros insistentemente presentes nos modos-de-ser Ocidental. Neste sentido, “estar-em-casa” se amplia para além do abrigo, podendo variar em escalas e sentidos, prenhe de ambiguidades. A diversidade de situações estudadas reforça a necessidade de atenção ao tema, tão central no habitar contemporâneo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à equipe editorial da revista *Kalagatos*, em especial na figura do Prof. Gabriel Kafure da Rocha, por acolher nossa proposta e contribuir para todo o processo editorial que permitiu a publicação deste Dossiê.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio P. Meurer. 14ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Márcia S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 125-141.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. 3ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- PATOČKA, Jan. *Body, Community, language, world*. Trad. Erazim Kohák. Chicago: Open Court, 1998.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Home: a short history of an idea*. New York: Viking, 1986.



MARANDOLA JR., Eduardo; BATISTA, Gustavo S. A CASA COMO EXPERIÊNCIA-LIMITE: SENTIDOS FENOMENOLÓGICOS E HERMENÊUTICOS DO HABITAR. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23020, p. 01-06.

Recebido: 05/2023
Aprovado: 06/2023